

Sujeito plenos em línguas de sujeito nulo: o que há para além da ênfase e do contraste?

Juliana MARINS (UFRJ)

Estudos recentes mostram que o português brasileiro (PB), ao contrário do que ocorre com o português europeu (PE) (Duarte 1995), está passando por um processo de mudança no que diz respeito à representação do sujeito pronominal. Isso quer dizer que estamos diante de uma mudança na marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN), dentro da perspectiva teórica gerativista (Chomsky 1981), isto é, o PB estaria passando de língua positivamente marcada para língua negativamente marcada em relação ao PSN.

Para embasar tais afirmações, no sentido de classificar o comportamento do PB como atípico, no âmbito das línguas românicas de sujeito nulo, emergiram estudos contrastivos dentro de uma mesma perspectiva teórica. Assim, além do trabalho de Duarte (1995), que verificou uma expressiva preferência pelo preenchimento da posição de sujeito no PB ao contrário do que ocorre no PE, utilizando-se de pressupostos da Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky 1981) e da Sociolinguística Variacionista (Weinreich, Labov & Herzog, 1968, 2006; Labov 1994), pode-se citar o trabalho de Soares da Silva (2006), que comparou os resultados de Duarte com o espanhol de Madrid e do Buenos Aires.

No sentido dar continuidade a esse estudo maior, Marins (2009), valendo-se do quadro teórico da Teoria da Variação e Mudança (Weinreich, Labov & Herzog, 1968, 2006; Labov 1994) e da Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981), mostra o comportamento de uma variedade oral do italiano standard – o italiano sub-standard médio (italiano oral culto), língua considerada prototipicamente de sujeito nulo, comparativamente com os resultados do PB, buscando verificar (1) como o italiano se comporta em relação à expressão dos sujeitos de referência definida; (2) como se dá essa distribuição em relação às três pessoas do discurso e (3) se os sujeitos expressos foneticamente estão de fato associados à ênfase ou ao contraste.

Para a obtenção dos dados para análise, a autora utilizou o conjunto de corpora C-ORAL-ROM, em que se encontram amostras de quatro línguas românicas europeias (português, francês, italiano standard e espanhol). Do corpus de língua italiana, foram usados os inquéritos do tipo 'conversação' informal familiar/privado, uma modalidade que pareceu retratar mais fidedignamente a fala espontânea, incluindo a fala do documentador, pois considerou-se que, nas condições em que se encontra, na interação com muitas pessoas, em momentos de lazer, o monitoramento de sua fala seria menos provável.

Desse modo, a amostra que foi analisada no presente trabalho foi constituída de 12 inquéritos, com falantes homens e mulheres distribuídos em três faixas etárias, naturais da região médio-setentrional da península itálica. De fato, encontramos diferenças dialetais nos planos lexical, fonológico e morfológico, que não foram levadas em consideração no presente estudo. Contudo, foram encontradas estruturas sintáticas próprias do dialeto florentino (incluído na zona lingüística da Itália setentrional), os sujeitos clíticos, que mereceram uma atenção especial.

Depois de selecionados, os dados passaram por um tratamento estatístico, através do pacote de programas VARBRUL. Esse tratamento consiste em uma análise multivariada, em que se verifica a influência de vários fatores diferentes sobre uma determinada variável lingüística. O objetivo, então, era verificar a relevância de certos contextos (lingüísticos e extra-lingüísticos) sobre o binômio sujeito nulo/sujeito pleno.

Os resultados mostram que, de fato, a variedade de italiano standard analisada se apresenta mais próxima do que se considera uma língua prototipicamente pro drop, no sentido de que,

na comparação com PE, espanhol madrileno e espanhol portenho, é a que exhibe as propriedades de LSNs mais fortemente.

Como esperado, tal como PE e espanhol, o italiano mostrou a predominância do apagamento do sujeito em todos os contextos analisados, com índices ainda mais altos que os encontrados para as outras duas línguas. Além disso, o tipo de inquérito utilizado nos permitiu perceber mais nitidamente que os sujeitos expressos na amostra exerciam algum tipo de função pragmático-discursiva, além da ênfase e do contraste.

O presente trabalho visa justamente observar quais são outros contextos discursivo-pragmáticos favorecedores do preenchimento do sujeito, sobretudo os de 1ª e 2ª pessoas. Devido a uma análise qualitativa detalhada de tais contextos em que, na variedade de italiano analisada, a posição de sujeito aparece preenchida, o trabalho permite fazer uma descrição, tendo como base as relações culturais e sócio-interacionais do discurso conversacional, dos processos que explicam a maior incidência de pronomes de primeira e segunda pessoas, mesmo em Línguas de Sujeito Nulo (LSNs), o que parece apontar para uma tendência geral das línguas.

Referências

CHOMSKY, Noam. (1981). *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris. (2a. ed. 1982)

CRESTI, Emanuela & Massimo MONEGLIA (eds.). (2005) *C-ORAL-ROM – Integrated Reference Corpora for Spoken Romance Languages*. *Studies in Corpus Linguistics*, vol. 15. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

DUARTE, M. Eugênia L. (1995). *A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro*. Tese de doutorado, Unicamp.

_____ (1993). Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In I. Roberts & M. A. Kato (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP. 107-128.

LABOV, William. (1972) *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

SOARES DA SILVA, Humberto. *O parâmetro do sujeito nulo: confronto entre o português e o espanhol*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa – curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2006. 117 p.

TARALLO, Fernando. *Relativization strategies in Brazilian Portuguese*. Tese de Doutorado. University of Pennsylvania, 1983.

WEINREICH, Uriel, LABOV, William & HERZOG, Marvin. (1968). Empirical foundations for a theory of language change. In W. Lehman & Y. Malkiel (eds.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press. 97-195